

RETRATO DE MONSIEUR E MADAME THOMAS GERMAIN

NICOLAS DE LARGILLIERRE

6 JULHO – 24 SETEMBRO 2017

VINDO DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN, o retrato de Thomas Germain (1673-1748) e da sua mulher Anne-Denise Gauchelet, pintado por Nicolas de Largillierre em 1736 é, como escreveu Antoine Schnapper, «uma obra-prima de harmonia das cores». A pintura corresponde, de forma particularmente clara, ao pensamento de Largillierre sobre a técnica do retrato: utilização de um fundo claro e baço, suavidade tonal, gradação extensa dos cinzentos a partir dos brancos, iluminação dos ombros dos personagens para evitar o contraste tonal com os rostos. Estas características técnicas afastam o retrato de Largillierre quer da tradição do retrato clássico francês de Philippe de Champaigne (1602-1674), dominado pelo desenho rigoroso e pela saliência das figuras sobre fundo escuro, quer da pompa exuberante do seu contemporâneo, amigo e rival, Hyacinthe Rigaud, o grande retratista das cortes de Luís XIV e Luís XV.

A elegância dos retratos de Largillierre reflete em larga medida o ecletismo da sua formação. Nascido em Paris em 1656, filho de um chapeleiro de sucesso, Nicolas acompanhou o pai, com apenas dois anos, quando este se estabeleceu em Antuérpia, e seguiu de novo a família, aos 9 anos de idade, quando esta se estabeleceu em Londres, na restaurada monarquia de Carlos II. Regressado a Antuérpia, foi aí que, em 1668, entrou como aprendiz na oficina de Antoon Goubau (1616-1698), um pintor de cenas de género e de naturezas-mortas com quem trabalhou até 1674, data em que foi recebido como pintor na Guilda de São Lucas. No ano seguinte, partiu de novo para Londres, onde estava o seu amigo Pieter van der Meulen, e aí recebeu a influência marcante de Peter Lely (1618-1680), o grande retratista da corte inglesa, cuja elegância compositiva e sentido da cor lhe permitiram uma abordagem do retrato com grandes novidades em relação à tradição francesa.

Foi precisamente com um retrato, do grande pintor de Luís XIV, Charles Le Brun (1619-1690), que Largillierre foi admitido na Aca-



Nicolas de Largillierre
**Retrato de Monsieur
e Madame Thomas Germain**

França, 1736

Assinada e datada: *N. de Largillierre /1736*

Óleo sobre tela

Museu Calouste Gulbenkian, inv. 431

de Paris, em 1686, e foi por influência de Le Brun que resistiu a fixar-se na corte inglesa, apesar de ter regressado a Inglaterra em 1687 para realizar alguns retratos da família de James II.

Em Paris, Largillierre dedicou-se cada vez mais exaustivamente, e com grande sucesso, ao retrato – pintaria mais de mil até ao final da vida – servindo uma clientela burguesa, de altos funcionários, e também de nobres aparentados

com a família real. A sua obra era inovadora não apenas na paleta e na composição mas também na construção de ambientes que pretendiam associar ao retrato um conjunto de referências que identificassem e esclarecessem a posição social e o pensamento dos retratados, aproximando assim este género ao da grande pintura de História, mais valorizada do que o retrato no pensamento, algo rígido, da Real Academia Francesa. É precisamente no período de maior criatividade de Largillierre, nos primeiros anos do século XVIII, que os escritos de Roger de Piles (1635-1709) contestam as diferenças entre géneros maiores e menores na pintura. Piles era grande admirador da arte flamenga e enaltecia a importância da cor sobre o desenho, num novo quadro de valores que beneficiava claramente a pintura de Nicolas Largillierre.

O retrato do casal Germain pertence a um quase subgénero dentro da obra do pintor: o dos retratos de artistas, que Largillierre cultivou com particular cuidado e talento, até porque, quase sempre, os retratados eram amigos seus. Muitos desses retratos serviram de base a gravuras, que difundiam a imagem dos artistas e a sua fama, acentuando a sua importância social, aspeto particularmente evidente no caso desta

pintura. Germain é representado num interior quase faustoso, em relação direta com a sua profissão de ourives, sublinhada pela carta que se vê em primeiro plano, sobre a mesa, endereçada «À Monsieur Germain Orfèvre du Roy». Thomas Germain tem na mão um instrumento de desenho, abraça um magnífico gómital, que infelizmente está hoje desaparecido, e aponta, com a outra mão, para uma prateleira na qual se encontra um candelabro em prata e alguns modelos em gesso e terracota. O candelabro é semelhante aos que viriam a ser executados pelo seu filho François-Thomas para D. José de Portugal, e que fazem parte da célebre baixela que se guarda no Museu Nacional de Arte Antiga (Sala 69), e o querubim em barro lembra os remates das terrinas do mesmo conjunto. Como é sabido, Thomas Germain tinha executado a imponente baixela de D. João V, que se perdeu com o terramoto de Lisboa.

A pintura, adquirida em Londres em 1903 por Calouste Gulbenkian, é um exemplo de elegância cromática, nos seus tons baços e claros, e evidencia o grande interesse de Nicolas Largillierre em dignificar, através do retrato, os grandes artistas parisienses seus contemporâneos.

JOC